

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO LINGÜÍSTICO EM GRAMÁTICAS DO QUIMBUNDO DO SÉCULO XIX

Hungulo, A. M.¹
Santos, E. F.²

RESUMO

Nossa pesquisa analisará a contextualização do pensamento linguístico que pode ser apreendida em quatro gramáticas da língua quimbundo falada em Angola e produzidas no século XIX: *Collecção de observações grammaticas sobre a língua bunda ou angolense* (1805), de Bernardo Maria de Cannecattim; *Elementos gramaticas da língua nbundu* (1864), de Saturnino de Souza e Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina; *Gramática elementar do kimbundu ou língua de Angola* (1888-89), de Héli Chatelain; e *A língua de Angola* (1891), de Ladislau Batalha. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da *Historiografia Linguística* (doravante, HL), campo de estudo que procura descrever, analisar e interpretar o conhecimento produzido sobre as línguas e a linguagem, em diferentes épocas e por diferentes agentes (gramáticos, filósofos, linguistas, por exemplo) (BATISTA, 2019: 9), buscaremos evidenciar o contexto em que essas obras são produzidas e que tipo de pensamentos são veiculados por elas. Para isso, vamos nos valer das reflexões de Swiggers (2013) sobre os instrumentos conceptuais da HL e seus objetos e objetivos, assim como o princípio da contextualização de Koerner (1996, 2014). Desse modo, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de uma história linguística transatlântica (NEGRÃO, 2020; COELHO & FINBOW, 2020) ao abordar ecologias (SWIGGERS, 2015; MUFWENE, 2001, 2008) ainda pouco privilegiadas em abordagens eurocêntricas.

Palavras-chave: gramática; quimbundo; contextualização.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, CAMPUS DOS MALÊS, Discente, albertomulanguihungulo@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, CAMPUS DOS MALÊS, Docente, eduardo@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

A HL é um campo de estudos da Linguística que desde a década de 1970 se institucionaliza e recebe adeptos que se preocupam com o estudo e desenvolvimento das ideias e práticas linguísticas a partir da análise de textos situados em seu contexto, culminando em uma atividade de escrita da história do estudo sobre a linguagem (SWIGGERS 2013, 2019). É na HL que o pesquisador desenvolve o estudo sistemático (com pressupostos teóricos e métodos específicos) do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas, com a intenção de observar, descrever, analisar e interpretar historicamente como se pensou sobre a linguagem e as línguas ao longo do tempo, em diferentes tradições culturais, sociais e políticas (BATISTA, 2020: 46). Os objetos primários tomados para análise na HL são os textos publicados e não publicados (SWIGGERS, 2013: 41), produzidos por estudiosos da linguagem, profissionais ou não. Esses textos são (explícita ou implicitamente) ladeados por práticas ritos, jogos linguísticos, atividades de ensino, atividades políticas e administrativas que revelam a natureza e a função desses textos (ALTMAN, 2019: 29-30). Segundo Altman (2019: 32), é importante examinar, também, as circunstâncias de produção e de recepção do conhecimento construído sobre a linguagem e as línguas, buscando a descrição (não normativa) dos princípios e métodos de produção do conhecimento linguístico, e de seus resultados (bem ou malsucedidos) em determinado momento, inevitavelmente histórico. Desse modo, tomamos como documentos históricos um conjunto de quatro gramáticas da língua quimbundo produzidas no século XIX: Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda ou angolense (1805), de Bernardo Maria de Cannecattim; Elementos gramaticaes da língua nbundu (1864), de Saturnino de Souza e Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina; Gramática elementar do kimbundu ou língua de Angola (1888-89), de Héli Chatelain; e A língua de Angola (1891), de Ladislau Batalha. Essas gramáticas, portanto, constituirão nossas fontes primárias, ou seja, materiais que nos trazem informações diretas sobre nosso tema de pesquisa. No século XIX, nosso recorte temporal para este projeto, Angola ainda estava sob jugo colonial português, um processo que se iniciou no século XV no contexto das Grandes Navegações e dos Descobrimentos. Ao colonizar o território angolano, dentre diversos impactos nos âmbitos político, econômico e social, a invasão portuguesa introduziu a língua portuguesa, o que modelou um novo ambiente sociolinguístico. No entanto, essa introdução da língua lusófona não fez desaparecer as línguas autóctones. Angola possui uma população plurilíngue que se divide em grupos linguísticos diversos e que explicitam a intrínseca relação entre etnia, língua e cultura que determinam os agrupamentos etnolinguísticos e a sua diversidade linguística. Luanda, por exemplo, um importante entreposto de escravizados a partir do século XVII, apresentava uma predominância de falantes da língua quimbundo e até meados de 1830 havia uma necessidade de produção de materiais para o estudo dessa língua (ROSA, 2019: 60). Também é na Angola oitocentista que, entre angolenses negros e mestiços, classificados como assimilados, com domínio da língua portuguesa e códigos europeus, criou-se um movimento de valorização da própria cultura e das línguas locais, que gerou dicionários, cartilhas e gramáticas para que essa população escolarizada em português estudasse formalmente sua língua (ROSA, 2019: 61). Esse recorte temporal é importante para o fazer historiográfico como um dos critérios de seleção dos fatos e para a elaboração de um quadro de referências que permita a seleção, de problemas, autores e métodos de análise (CRUZ, 2018: 106). Considerando que, à exceção de Francina, estamos diante de obras gramaticais produzidas por não nativos, e que podem ser separadas entre autores missionários e não missionários, é importante que possamos evidenciar a que tipo de pensamentos linguísticos essas obras estavam vinculadas e como se relacionavam com a situação histórico-social do período, incluindo as situações sociolinguísticas que podem ser daí apreendidas. Esse exercício a que nos propomos terá como norte principal o princípio da contextualização de Koerner (1996, 2014). Segundo esse princípio a apresentação

das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do clima de opinião geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram. [...] Por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta.

METODOLOGIA

Nosso projeto será desenvolvido a partir das seguintes etapas (que podem em algum momento ser desenvolvidas concomitantemente):

- i) revisão bibliográfica do referencial teórico adotado. Nesta etapa, o bolsista fará uma seleção das obras teóricas pertinentes e procederá às suas leituras, desenvolvidas tanto no âmbito do grupo de pesquisa, como individualmente;
- ii) resenha dos textos teóricos selecionados;
- iii) leitura das fontes primárias selecionadas e apresentadas na Introdução. Nesta etapa, o bolsista terá contato com suas fontes primárias, objeto de análise do projeto;
- iv) análise das fontes primárias a partir do pressuposto teórico adotado e da temática em foco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento trabalharmos os conceitos básicos e metodológicos da Historiografia Linguística. Embasados nos seguintes textos teóricos COELHO (2012), BATISTA (2020), SWIGGERS (2013) e ALTMAN (2012). A Historiografia Linguística dorante avante HL é campo da linguística que se ocupa nos estudos e análises, descrição e interpretação das produções linguísticas. De acordo com BATISTA (2020), a HL é um campo da linguística que se preocupa contar a história do estudo da linguagem. Ou seja, ele é um campo que metodologicamente para analisar a história e o estudo da linguagem. Além disso, a HL vai mais além procurando contextualizar o pensamento linguístico que foram produzidos em seus determinados contextos. Já para SWIGGERS (2013), HL que tem como objeto da história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e as práticas delas decorrentes que, por sua vez, geram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidades e descontinuidades, de avanços e de retomadas, inerentes a busca de conhecimento. No geral a HL tem como objeto de estudo os textos produzidos em cada contexto. ALTAMAN (2012), aponta alguns percussores do campo da HL e dentre eles destacamos os seguintes: Konrad Koerner, Sylvaime Auroux e Pierre Swiggers. Desde a década de 1970, esses autores têm apresentado propostas consistentes para fortalecimento da HL, quer seja, com suas obras produzidas. Em relação a análise das duas gramáticas vale ressaltar que, na gramática de CANNECATTIM (1805), verificamos alguns indícios de um pensamento linguístico voltado ao colonizador. Ao momento que ele faz a apresentação da sua obra direcionando a essas duas referências ou partes acima citadas observasse um posicionamento com influências da colonização. Já na gramática de CHATELAIN (1889), verificamos que há uma relação intrínseca com o contexto da colonização em Angola. Ou seja, a obra foi escrita no período colonial, por um missionário europeu e conservador dos ideais eurocêntricos. O outro fator interessante é que a obra apesar de ser uma contribuição o estudo da língua do quimbundo, também ela não deixa de ser uma produção ideológica com traços marcados pelos processos coloniais. A pós análise das duas últimas gramáticas compreendemos que, ambas possuem traços semelhantes no tange a narrativa de olhar colonial. Ou seja, ambos autores, em suas partes introdutoras das obras percebe-se nas suas abordagens possíveis pensamentos linguísticos colonialistas. Por exemplo, na gramática de Saturnino (1864) observamos, que o autor usa o termo língua de escravo ao se referir da língua kimbundo. Já na gramática de Batalha (1891),

percebe-se outro termo pejorativo que ao se referir a população angolana denomina como os pretos além disso, usa o termo continente negro fazendo referência ao continente africano.

CONCLUSÕES

Diante desses posicionamentos, nos leva a refletir sobre a influências das ideias coloniais presentes nessas produções linguísticas. Essas análises só foi possível devido a finalidade central da Historiografia Linguística que consiste em analisar, descrever e interpretar sobre o que se produziu sobre a linguagem em seu determinado contexto e sem deixar de lado os seus estudos metodológicos. Em síntese, ao analisarmos as quatro gramáticas do kimbundu do século XIX, apesar de cada uma dela serem produzidas em contextos diferentes e por autores diferentes podemos, ressaltar que, que há uma semelhança no que concerne o tipo de pensamento linguístico presente nas partes iniciais das gramáticas. Esse pensamento linguístico que por sua vez, apresenta uma visão colonial eurocêntrica.

AGRADECIMENTOS

PIBIC/UNILAB, CNPQ, SEMUNI, grupo de pesquisa GELCLA - Grupo de Estudos de Línguas em Contato e Línguas Africanas.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: BATISTA, R. O. (org.). Historiografia da linguística. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-43.
- _____. A descrição das línguas 'exóticas' e a tarefa de escrever a história da linguística. Revista da ABRALIN, p.209-230, 2011.
- BATALHA, L. A língua de Angola. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891.
- BATISTA, R. O. Introdução. In: BATISTA, R. O. (org.). Historiografia da linguística. São Paulo: Contexto, 2019, p. 9-18.
- _____. Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.
- CANNECATTIM, B. M. de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense e Diccionario abreviado da língua congueza. Lisboa: Impressão Régia, 1805.
- CHATELAIN, H. Grammatica elementar do kimbundo ou lingua de Angola. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-1889.
- COELHO, O.; FINBOW, T. Apontamentos para uma história linguística transatlântica e descolonizada do português no Brasil: o contato e a diversidade em foco. In: p.61-84.
- COELHO, Olga; HACKEROTT, Maria Mercedes. Historiografia linguística. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (orgs.). Ciências da linguagem: o fazer científico, v.1, Campinas: Mercado de Letras, p.381-407.
- CRUZ, A. Von Marthius e o IHGB em busca de uma história do Brasil. In: COELHO, O. (org.). A historiografia linguística no Brasil (1993-2018): memória, estudos. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2018, p. 103-125.
- FERNANDES, Gonçalo. Primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa. Confluência, n.49, p.43-67, 2015.